

JOGANDO COM A OTAN, A TURQUIA MIRA EM SEU PAPEL EM UMA NOVA ORDEM MUNDIAL

Por James M. Dorsey*



Recep Tayyip Erdogan, presidente da Turquia, em coletiva de imprensa após a Cúpula da OTAN em Bruxelas, Bélgica, em 24 de março de 2022 (Gints Ivuskans/Shutterstock).

A aposta turca na OTAN é um jogo de pôquer de alto risco, já que a Rússia é tanto um parceiro da Turquia quanto uma ameaça.

A briga da OTAN sobre a oposição turca à adesão sueca e finlandesa é mais do que expandir a aliança militar do Atlântico Norte. Trata-se tanto dos objetivos políticos imediatos do presidente turco Recep Tayyip Erdogan quanto do posicionamento da Turquia em uma nova ordem mundial do século XXI.

Na superfície, a discussão é sobre os esforços turcos para impedir o apoio às aspirações étnicas, culturais e nacionais curdas na Turquia, Síria e Iraque e uma repressão a supostos apoiadores de um pregador que vive exilado nos Estados Unidos. A Turquia acusa o teólogo Fethullah Gulen, de instigar um golpe militar fracassado em 2016.

A briga também pode ser uma jogada do segundo maior exército permanente da OTAN para recuperar o acesso às vendas de armas dos EUA, particularmente atualizações para a envelhecida frota de caças F-16 da Turquia, bem como modelos mais recentes e mais avançados do F-16 e os ainda mais avançados F-35 de última geração.

Finalmente, jogar a carta curda beneficia Erdogan internamente, potencialmente em um momento em que a economia turca está em crise com uma taxa de inflação de 70%.

“Erdogan sempre se beneficia politicamente quando enfrenta o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (o PKK) e grupos ligados a ele, como o YPG na Síria... Na verdade, atacar o PKK e o YPG é um dois por um. Erdogan é visto enfrentando terroristas e separatistas genuínos e, ao mesmo tempo, consegue atacar os Estados Unidos, explorando o vasto reservatório de antiamericanismo na Turquia”, disse o estudioso do Oriente Médio Steven A. Cook.

Embora sejam questões importantes em si mesmas, elas também provavelmente influenciarão a posição da Turquia à medida que o mundo se move em direção a uma estrutura de poder bipolar ou multipolar.

A batalha pelo suposto apoio escandinavo e principalmente sueco às aspirações curdas envolve o grau em que os Estados Unidos e a Europa continuarão a empurrar com a barriga o que constitui mais um barril de pólvora do Oriente Médio.

Erdogan anunciou esta semana que a Turquia lançará em breve uma nova incursão militar contra combatentes curdos apoiados pelos EUA no nordeste da Síria. Ele disse que a operação estenderá as áreas de controle das forças armadas turcas na Síria para uma faixa de 30 quilômetros de terra ao longo da fronteira compartilhada dos dois países.

“O principal alvo dessas operações serão áreas que são centros de ataque ao nosso país e zonas seguras”, disse o presidente turco.

A Turquia afirma que as Unidades de Proteção Popular (YPG), apoiadas pelos EUA, uma milícia síria que ajudou a derrotar o Estado Islâmico, é uma extensão do PKK. O PKK travou uma insurgência de décadas contra a Turquia, lar de cerca de 16 milhões de curdos. A Turquia, os Estados Unidos e a União Europeia designaram o PKK como uma organização terrorista.

Erdogan acusa que a Suécia e a Finlândia dar abrigo ao PKK e está exigindo que os dois países extraditem os agentes do grupo. A Turquia não divulgou oficialmente os nomes de 33 pessoas que deseja ver extraditadas, mas algumas foram relatadas na mídia turca próxima ao governo.

A mídia sueca informou que um médico supostamente na lista havia morrido há sete anos e não era conhecido por ter ligações com o PKK. Outra pessoa mencionada não era residente na Suécia, enquanto pelo menos mais uma pessoa é de nacionalidade sueca.

Autoridades suecas e finlandesas estiveram em Ancara esta semana para discutir as objeções da Turquia. A primeira-ministra sueca, Magdalena Andersson, insistiu enquanto as autoridades se dirigiam à capital turca que “não enviamos dinheiro ou armas para organizações terroristas”.

Convenientemente, a mídia pró-governo informou no dia em que as autoridades chegaram que as forças turcas encontraram armas antitanque suecas em uma caverna no norte do Iraque usada pelo PKK. A Turquia lançou recentemente a Operação *Claw Lock* contra as posições do PKK na região.

Os planos militares de Erdogan complicam a adesão da Suécia e da Finlândia à OTAN. Os dois estados nórdicos impuseram um embargo de armas a Ancara após sua incursão inicial na Síria em 2019. O líder turco exigiu o levantamento do embargo como parte de qualquer acordo sobre a adesão da Suécia e da Finlândia à OTAN.

Uma nova incursão que consolidaria a presença militar de três anos da Turquia na Síria também poderia atrapalhar a melhoria das relações com os Estados Unidos devido ao apoio turco à Ucrânia e aos esforços para mediar o fim da crise desencadeada pela invasão russa.

A Turquia desacelerou sua incursão inicial na Síria depois que o então presidente dos EUA, Donald J. Trump, ameaçou “destruir e obliterar” a economia turca. O Departamento de Estado alertou esta semana que uma nova incursão “minaria a estabilidade regional”.

A retomada das vendas de armas pelos EUA ajudaria muito a consolidar relações melhores e minimizar o significado da aquisição pela Turquia do sistema antimísseis S-400 da Rússia, mesmo que a oposição turca à adesão escandinava tenha um efeito prolongado na confiança. Os Estados Unidos expulsaram a Turquia de seu programa F-35 em resposta à essa aquisição.

Esta semana, Erdogan pareceu ampliar a disputa na OTAN depois que o primeiro-ministro grego Kyriakos Mitsotakis fez *lobby* no Congresso dos EUA contra as vendas militares para a Turquia. “Mitsotakis não existe mais para mim. Eu nunca vou concordar em conhecê-lo”, disse Erdogan. Ele disse que o lobby de Mitsotakis violou um acordo entre os dois “de não envolver terceiros países em nossas questões bilaterais”.

As vendas de armas dos EUA também afetariam as relações turco-russas, mesmo que a Turquia, em contraste com a maioria dos membros da OTAN, continue buscando equilibrar suas relações e evitar uma rixa aberta com Moscou ou Washington.

“O revisionismo geopolítico da Rússia deve aproximar a Turquia e o Ocidente relativamente em questões geopolíticas e estratégicas, desde que o atual bloqueio da Turquia à Suécia e à candidatura da Finlândia à OTAN seja resolvido em um futuro não muito distante”, disse o acadêmico turco Galip Dalay.

A aposta turca na OTAN é um jogo de pôquer de alto risco, já que a Rússia é tanto um parceiro da Turquia quanto uma ameaça. A OTAN é o escudo final da Turquia contra o expansionismo civilizatório russo. O apoio russo em 2008 às regiões irredentistas da Geórgia e a anexação da Crimeia em 2014 criaram um amortecedor entre a Turquia e a Ucrânia e os complicados acordos entre a Turquia e a Rússia no Mar Negro.

No entanto, Erdogan corre o risco de alimentar um debate sobre a adesão da Turquia à OTAN, assim como a oposição do primeiro-ministro Victor Orban a um embargo europeu à energia russa levantou questões sobre o lugar da Hungria na UE.

“A Turquia de Erdogan pertence à OTAN?” perguntaram o ex-indicado à vice-presidência dos EUA Joe Lieberman e Mark D. Wallace, um ex-senador, em um artigo publicado no *The Wall Street Journal*. Ao contrário da Finlândia e da Suécia, os dois homens observaram que a Turquia não cumpriria os requisitos de democracia da OTAN se estivesse solicitando a adesão hoje.

“A Turquia é membro da OTAN, mas sob o comando de Erdogan, ela não concorda mais com os valores que sustentam esta grande aliança. O Artigo 13 da Carta da OTAN fornece um mecanismo para a retirada dos membros. Talvez seja hora de alterar o Artigo 13 para estabelecer um procedimento para a expulsão de uma nação membro”, escreveram os Lieberman e Wallace.

Os dois homens argumentaram implicitamente que virar a mesa contra a Turquia forçaria o complicado membro da OTAN a voltar à linha.

Além disso, o proeminente jornalista e analista turco Cengiz Candar alertou que “ceder às demandas de Ancara equivale a deixar um autocrata projetar a arquitetura de segurança da Europa e moldar o futuro do sistema ocidental”.

Publicado no [Responsible Statecraft](#).

**James M. Dorsey é membro da Escola de Estudos Internacionais S. Rajaratnam da Universidade Tecnológica de Nanyang de Singapura e colunista e autor do blog *The Turbulent World of Middle East Soccer*. Dorsey é correspondente estrangeiro veterano e premiado.*
